

## **“QUEBRA-QUEBRA” DE AGOSTO DE 1942: O CASO DO HOTEL DO COMÉRCIO**

**CAROLINE BESKOW QUINTANA<sup>1</sup>; DALILA MÜLLER<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [carolbeskow@hotmail.com](mailto:carolbeskow@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dalilam2011@gmail.com](mailto:dalilam2011@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tenho como objetivo analisar os ataques ocorridos no Hotel do Comércio no “quebra-quebra” de agosto de 1942, na cidade de Pelotas.

Pelotas recebeu imigrantes alemães durante todo o século XIX, mas principalmente na segunda metade, após o término da Revolução Farroupilha, em 1845. (ANJOS, 2000). Esses imigrantes europeus contribuíram para o desenvolvimento da cidade de Pelotas, ocupando-se das mais diversas atividades, sejam industriais, comerciais, artísticas, ou de profissões liberais ou ainda como operários (ANJOS, 2000). Dentre as atividades, foram responsáveis pela instalação de estabelecimentos de hospedagem, tanto na cidade como na zona rural. Alguns destes hotéis foram alvos do “quebra-quebra” de agosto de 1942, durante a II Guerra Mundial. De acordo com Fachel (2002), o “quebra-quebra” ocorreu em estabelecimentos comerciais e residências de alemães e seus descendentes na cidade de Pelotas.

A década de 1940 foi marcada pela II Guerra Mundial, fato que afetou a economia de todo o mundo, incluindo o Brasil, que entrou na guerra em agosto de 1942. Nesta data, os imigrantes alemães e seus descendentes residentes no Brasil sofreram com a violência causada pelos brasileiros. Neste contexto, Pelotas também foi atingida, tendo vários estabelecimentos atacados, saqueados, queimados e/ou fechados.

De acordo com Fachel (2002), o governo brasileiro havia decretado uma violenta repressão aos países ligados aos governos do eixo, e, com a política do Estado Novo, passaram a perseguir todas as manifestações culturais de alemães, italianos e japoneses incluindo os seus descendentes, mostrando uma confusão entre o nazismo e a identidade cultural destes imigrantes, o que acarretou a indignação brasileira ao povo alemão. Os alemães foram perseguidos pela sua identidade cultural, “a língua, a religião, os costumes e os usos foram mobilizados, não somente para explicar as diferenças culturais, mas, mais amplamente, para explicar as diferenças coletivas”. (REVEL, 2009, p. 102). Assim, para reforçar o sentimento de nacionalismo imposto na época, o falar alemão foi proibido, livros foram queimados e uma identidade foi perdida.

O “quebra-quebra” não foi um fator isolado da cidade de Pelotas, pois, conforme Fachel (2002), aconteceram depredações em Porto Alegre e outras cidades do Sul do estado. O autor também esclarece que não foi apenas com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, mas que a partir da I Guerra estes incidentes já ocorriam. Porém, em agosto de 1942 estes ataques ocorreram de forma acentuada. “Os dias dos ‘cristais’, para os teuto-brasileiros, ocorreram em agosto de 1942, quando suas lojas foram saqueadas e destruídas em várias cidades brasileiras. Pelotas e Porto Alegre são dois exemplos.” (FACHEL, 2002, p. 35).

## 2. METODOLOGIA

Foi utilizado como principal fonte a história oral, conceito trabalhado por Alberti (2005), que afirma que este método de pesquisa permite “recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares.” (ALBERTI, 2005, p. 22). A história oral “deve atuar onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada preservados pelos documentos formalizados”. (MEIHY, 2011, p. 197).

A história oral utiliza a memória dos entrevistados como fonte, e “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido.” (CANDAU, 2012, p. 61). O autor complementa afirmando que “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória.” (CANDAU, 2012, p. 61).

Foram realizadas duas entrevistas com a Erna Schüller Weirich, nascida em 12 de junho de 1920, na Colônia São Manuel. Erna trabalhou no Hotel Colonial Treptow e no Hotel do Comércio, ambos atacados durante o “quebra-quebra”. Neste último, vivenciou os ataques sofridos durante a II Guerra Mundial. As entrevistas foram realizadas em 2005, na residência da própria entrevistada.

As entrevistas utilizadas neste artigo estão disponíveis no acervo do projeto de pesquisa “A história da hotelaria em Pelotas na primeira metade do século XX” do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas. A fala da entrevistada está em “*itálico*” para diferenciar das demais citações presentes no texto.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Hotel do Comércio, localizado na rua Sete de Setembro, nº 402 (esquina rua Gen. Osório), em 1928 era de propriedade de Antonio Joaquim Gomes (DIÁRIO POPULAR, 28.04.1928, p. 7). Já em 1931 era de propriedade de Germano Bunde Rotschild (DIÁRIO POPULAR, 30.07.1931, p. 4), um imigrante alemão (Erna Schüller Weirich, 2005), e estava localizado no mesmo endereço. Suponho que, entre os anos de 1928 e 1931, Germano comprou o hotel, o qual manteve até 1942.

Em 1942 o hotel é fechado, pois, o proprietário é preso durante o “quebra-quebra”, mas em 1943 foi aberto o “Novo Hotel do Comércio” no prédio do “antigo Hotel do Comércio”, cujo proprietário era Salvador Thadeu Borba, ex-proprietário do Hotel Rego, conforme anúncio abaixo:

Comunicação: O abaixo assinado, ex proprietário do HOTEL REGO, comunica aos seus amigos e favorecedores que transferiu aquele estabelecimento para o antigo Hotel do Comércio o qual passou a denominar-se “Novo Hotel do Comércio”. Onde permanecera a disposição dos seus antigos clientes proporcionando-lhes, em seu novo estabelecimento, completamente reformado, instalações modernas, conforto, higiene e cozinha de primeira ordem. –Salvador Thadeu Borba (DIÁRIO POPULAR, 11.07.1943, p. 6).

Os funcionários que trabalhavam no Hotel do Comércio moravam no hotel. “*Nós tínhamos nosso quarto, nós tínhamos guarda roupa e nós como assim [era] tratado como se eles fossem nossos pais [...].*” (Erna Schüller Weirich, 2005). A entrevistada residia no hotel e presenciou os ataques ocorridos nos dias 18 e 19 de agosto de 1942, como relata:

*Aí houve aquelas quebras e queimas por causa da Guerra Mundial, da II Guerra Mundial, aí uma noite, eles vinham pela Sete de Setembro e foi tudo assim um movimento né, havia assim de gente, com pedras nas mãos*

*começaram até a atirar pedra nas janelas no segundo andar, né aí quebrou vidro e não tinha hóspede quase assim durante a noite não tinha muitos, muita gente usava aquele hotel para vir fazer compras, para consultar, São Lourenço, Camaquã, assim de Morro Redondo, paravam durante o dia, né. Também pediam um quarto né e no momento que aquelas pessoas saíam aí tinha que ser tudo já trocado a roupa para não, e aquela noite o que que a gente fez. De repente e tinha o porteiro né, o porteiro não queria deixar entrar ninguém eles queriam entrar e a tirar tudo para a rua aí não deixou o porteiro velho já, Seu Julio era o nome dele. Aí veio um soldado e pedia bandeira brasileira, né. Aí eu que guardava a bandeira junto em um armário de guarda roupa, né aí eu dei a bandeira para o soldado e ele hasteou a bandeira, aí eles bateram palma, aqueles invasores aí eles foram embora e o que que nós tinha que fazer no outro dia, né limpar toda vidraça quebrada né, muitos alguns tinha ali uns viajantes mas foram embora para outro hotel ficaram com medo aí quando era meio dia, quando a comida estava pronta, embaixo era as cozinheiras, e eu a camareira, nós trabalhávamos em cima né (Erna Schüller Weirich, 2005).*

A partir da fala da entrevistada pode-se afirmar que a multidão que praticou os ataques no “quebra-quebra” eram pessoas da cidade, cidadãos comuns, acompanhadas de guardas, que chegaram atirando pedras e pedindo para hastear a bandeira do Brasil, como símbolo de patriotismo, negando a identidade alemã dos proprietários. A entrevistada Erna continua com o seu relato sobre o “quebra-quebra”:

*Os quartos eram em cima e eu trabalhava, ajudava na lavagem de roupa e nós duas trabalhávamos em cima né e ela já é falecida agora. Aí quando a gente não tinha ainda almoçado. Mas aí vieram turma de gente de Pelotas mesmo e aí eles invadiram, eles atiraram as panelas com comida quente no meio da rua, na rua Sete de Setembro e aí o que que nós tínhamos para fazer? Nós fomos bem para o fundo né tinha até uma pessoa com duas crianças ela se tratava da, ela estava doente mas não queria ficar no hospital então ela ficava hospedada lá. Aí eu não aguentei mais a barulhada. O que vinha pela frente era jogado na rua, aí eu passei num muro, assim do lado do hotel não era tão alto, tinha até uma caixinha. Mas depois que eu passei do muro era bem alto para eu [...] eu não aguentei, [...] a gente ouvia a barulhada, as quebras, atiraram as camas, guarda roupa, bidê, tudo para a rua, lá já naquele tempo já era com tudo, com pia, quebrando os canos, não ficou um prato, não ficou um garfo eu acho, lá dentro da cozinha, tudo tudo, tudo, a mesa, as cadeira e fogo né e os bombeiros molhando as paredes da casa dos outros, para não arder o incêndio e o dono do hotel foi preso. (Erna Schüller Weirich, 2005).*

Conforme o relato de dona Erna, no segundo dia de “quebra-quebra” os manifestantes retornam ao hotel, e diferente do primeiro dia, que ficaram satisfeitos em assistir os funcionários hastearem a bandeira e cantarem o hino nacional brasileiro, neste dia atacaram e saquearam o hotel, destruindo tudo o que foi possível. Após os ataques a entrevistada retorna ao hotel com suas colegas, como relata:

*As panelas ferviam, as panelas com comida dentro, e como foi triste. Aí eu sai não podia mais ver aquilo, as cordas cheias de roupas de cama todas brancas. Nós fomos de tarde lá, não tinha nem corda quem dirá roupa, até meio-dia que a gente estendeu, [...] mas não ficou nada, ficou só parede eu não sei como é que conseguiram queimar e levar um hotel enorme e grande era de muitos anos já, aí depois eles iam vindo quando terminavam num lugar aí eles vinham mais adiante né. (Erna Schüller Weirich, 2005).*

O hotel foi destruído e de acordo com Erna (2005), quando os funcionários tentaram voltar ao hotel para recuperar seus pertences foram barrados por guarda, alegaram que estavam apenas com a roupa do corpo e o guarda lhes disse que receberiam um ressarcimento, até a data da entrevista ainda não havia sido paga

nenhuma indenização. Os móveis do hotel foram levados pela população, conforme relato:

Nós fomos lá e não tinha mais nada, tinha gente que morava lá e diziam que vieram buscar de caminhãozinho, viram que botaram colchão, cama, chegamos e tinha duas pessoas no pátio com colchão, acho que quebraram pra conseguir tirar tudo, enquanto eu tava na casa da vizinha a gente escutava parecia animal dando coice, acho que quebrando tudo. (Erna Schüller Weirich, 2005).

Segundo a entrevistada, “*não ficou um garfo no hotel, tudo foi levado e destruído e por fim o dono do hotel foi preso*” (Erna Schüller Weirich, 2005). Atearam fogo ao hotel e os bombeiros molhavam as paredes das casas ao lado, para que estas não pegassem fogo.

#### 4. CONCLUSÕES

O hotel foi atacado duas vezes, na primeira pediram apenas para hastear a bandeira do Brasil e cantar o hino nacional, mas voltaram no segundo dia de “quebra-quebra” para destruir, queimar e saquear o hotel, levando os pertences de quem estava hospedado e dos funcionários do hotel. Os funcionários do hotel não receberam nenhum ressarcimento pela perda de seus pertences.

Os saques, queimas e quebras foram feitos pelos moradores da cidade, acompanhados das autoridades, tendo apoio de guardas e bombeiros, que se preocupavam em não deixar que as casas ao lado do hotel também fossem depredadas. O “quebra-quebra” do Hotel do Comércio teve fim com o dono do hotel, Germano Bunde, sendo preso.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Fontes orais

Erna Schüller Weirich. Entrevista concedida. Pelotas, Brasil. 2005.

##### Jornais

Diário Popular, Pelotas, 28.04.1928, p. 7.

Diário Popular, Pelotas, 30.07.1931, p. 4.

Diário Popular, Pelotas, 11.07.1943, p. 6.

##### Fontes bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes Orais. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2000.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

FACHEL, José Plínio Guimarães. **As violências contra alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

REVEL, Jacques. **Proposições**: ensaios de história e historiografia. Trad. Claudia dos Reis. Rio de Janeiro: Eduej, 2009.